

Estrelas, Planetas, Plutóides e Outras Esferas do Espaço

Raquel Patriarca

Ilustrações de Solange Costa



Era uma vez um menino. Um menino em tudo igual aos outros meninos da sua idade. Era diferente apenas numa coisa, só sua e muito especial. Este menino estava sempre atento a tudo, adorava fazer perguntas e pensava, pensava muito; nas coisas sérias e nas brincadeiras, nos acontecimentos importantes e nos pormenores pequeninos, em tudo e em nada.

Um dia, ouviu um senhor muito bem engravatado na televisão a dizer que Plutão, o nono planeta, tinha deixado de o ser. A partir de agora fazia parte da classe dos Plutóides. E aquilo devia ser um assunto sério porque vieram muitos senhores falar sobre a mesma coisa e todos usavam óculos. Até o pai tinha ficado muito calado e quieto a ouvir a notícia, enquanto o menino esperava que ele lhe descascasse o resto da maçã.

Não era todos os dias que se falava tanto de planetas e estrelas à hora do lanche, e o menino tentava perceber o que se dizia na notícia, mas não era nada fácil porque os senhores na televisão têm muita dificuldade em falar como gente normal.

Assim que acabou de comer a maçã, o menino saltou de cima do seu banquito e caiu, caiu, caiu... Passou as nuvens e ficou com imensos pedacitos de algodão de chuva nos cabelos. Depois tudo foi ficando escuro à sua volta, como se entrasse devagarinho numa noite cheia de estrelas muito brilhantes.

Olhou em redor e ficou maravilhado! O Sol, magnífico e luminoso, espreguiçava salpicos de fogo em todas as direcções. O menino sentiu-se quentinho por dentro e deixou-se ali ficar. À volta do Sol saltitava e saracoteava um pequeno astro a quem chamam Mercúrio, que é nome de remédio para pôr em joelhos esfolados. O menino percebeu logo a razão daquele nome: a pequena esfera saltava tanto e tão depressa que de certeza, de vez em quando, caía e se magoava.

Um bocadinho mais atrás, muito serena e elegante, flutuava a esfera de nome Vénus. Era muito bonita. Tinha uns olhos doces e profundos com pestanas longas e umas bochechas pequeninas e coradas. Sorriu timidamente ao menino e ele sentiu um esquisito calor na cara... devia ser do Sol. Disse-lhe adeus com a mãozita, virou as costas ao Sol e seguiu caminho.

O menino viajava pelo espaço como se estivesse a dançar suspenso no vazio. Ora andava muito descontraído como se passeasse no parque, ora se deitava de barriga para cima e batia os braços e os pés como se estivesse a nadar na praia. E às vezes, só para brincar, fazia de conta que pedalava na sua bicicleta.

Passado algum tempo encontrou uma esfera enorme, entre o vermelho e a cor do fogo, que tinha um ar muito simpático mas um bocadinho nervoso, e

estava sempre a piscar os olhos e a fazer as caras mais cómicas que o menino já tinha visto.

- Olá! – Disse o menino – És tu aquele a quem chamam Plutão?

- Olá! – Respondeu a esfera – Eu chamo-me Marte. O Plutão é o último de todos, lá ao fundo onde está frio e escuro. Eu levava-te lá mas não me posso desviar do meu caminho... Já assim se diz por aí que sou um excêntrico! Achas que consegues ir sozinho?

- Claro que sim! – Disse o menino. – Muito obrigado. - Acrescentou enquanto dizia adeus a Marte que lhe sorria sempre a piscar os olhos.

O menino continuou a sua viagem e encontrou mais esferas. Júpiter era tão grande, mas tão grande que o menino nem conseguiu ver-lhe toda a cara. Viu só um olho risonho e uma bochecha gorducha. Estava muito entretido a cantar para si próprio enquanto orbitava e o menino não o quis interromper.

A esfera chamada Saturno ria à gargalhada tão alto que fazia tremer as suas nove luas e tremeluzir as estrelas que estavam por ali perto. O menino percebeu depois que ela tinha uma multidão de pedras, pedrinhas e pedregulhos a girar à sua volta que lhe faziam muitas cócegas.

Um bocadinho mais à frente viviam mais duas esferas, Neptuno e Urano, um pouco mais pequenas, redondas e perfeitas, como dois lindos olhos azuis, que espreitavam do meio do escuro e, com carinho, lhe indicavam o caminho para Plutão.

Finalmente, lá estava ele! Plutão olhou para o menino e sorriu muito satisfeito como se estivesse à espera da sua visita. Era uma esfera mais pequena. Ao lado das outras quase parecia um berlinde. Mas não um berlindinho pequenino. Vá lá... um abafador. Tinha um ar sábio e sereno, como as pessoas velhas que o menino conhecia. Como os avós.

- Olá! - Disse o menino meio a medo.

- Olá! – Respondeu o berlinde de nome Plutão, com a sua voz funda e cheia de força.

- Eu sou um menino e venho daquela esfera azul e bonita além ao fundo, quase a chegar ao Sol. Chama-se Terra. – Explicou o menino enquanto apontava. - Hoje ouvi falar muito em ti. Depois comecei a pensar, a pensar... e aqui estou eu!

- Fizeste bem em vir-nos visitar. – Respondeu Plutão – Estes são os meus amigos Caronte, Nix e Hidra – disse Plutão enquanto apontava para três outros berlindes que giravam alegremente à sua volta.

O menino sorriu e acenou-lhes com a cabeça.

- Havia uns senhores na televisão e disseram que tu agora já não és um planeta. – Começou o menino a contar – Na verdade não sei bem o que é um planeta...

- Isso é ótimo, porque eu não faço ideia do que seja uma televisão! – Respondeu Plutão bem-disposto. Cruzou os olhos na brincadeira e pôs todos a rir. - Os senhores de que falas – continuou - chamam-se astrónomos e são cientistas. Eu gosto muito deles porque quando eram pequeninos vinham cá visitar-me muitas vezes, e agora que são grandes continuam a ter a cabeça e o coração nas estrelas.

- A sério? – Perguntou o menino maravilhado.

- Sim, claro! Passavam aqui muito tempo connosco. Como é que tu achas que eles aprendem tantas coisas interessantes sobre o espaço, as estrelas, os planetas...?

- Estou a ver. – Disse o menino. – Mas o que é um planeta, afinal?

- Planeta é o que os nossos amigos cientistas chamam a todas estas esferas grandes de rocha que giram no espaço à roda de uma estrela gigante. – Explicou Plutão apontando o Sol lá ao fundo e todos os astros à sua volta.

- Ah! – Exclamou o menino. – E são só as estrelas gigantes que têm planetas? – Perguntou.

- Oh sim! Para ter planetas uma estrela tem de ser muito grande e ter muita força.

- Como os meninos? Que têm de comer tudo para serem grandes e fortes? – Perguntou o menino.

- Exactamente! - Disse Plutão enquanto os seus três amiguinhos diziam que sim com um ar muito entendido. – Só que a força das estrelas chama-se gravidade, e faz com que os planetas se aproximem e fiquem a girar à sua volta. Diz-se que ficam em órbita. A gravitar.

- E há muitos planetas, Plutão?

- Imensos! Há muitos que os cientistas conhecem e ainda muitos mais por conhecer. À volta do nosso Sol agora há oito planetas – Disse Plutão enquanto apontava para todas as esferas por onde o menino tinha passado. - A mim também já me chamaram planeta mas parece que sou demasiado pequeno e ganhei um novo nome.

- E tu não ficas triste? De não seres planeta como os outros? – Quis saber o menino preocupado.

Plutão atirou-se para trás e deu uma grande gargalhada.

- Não, querido! Não fico nada triste. – Sorriu para o menino com toda a doçura. Sabes, quando os cientistas descobriram que eu existia, eu já aqui estava há muito, muito tempo. Um tempo que só mesmo as estrelas conseguem lembrar. E vou ficar aqui muito, muito mais tempo. Mais cientistas hão-de vir com outras palavras engraçadas e nomes maravilhosos para nos dar a todos, e nós continuamos aqui, a dançar no espaço e a dar inspiração e grandeza aos sonhos dos cientistas meninos.

- E gostas do nome que te deram agora? Gostas de ser plutóide? – Perguntou o menino.



Plutão sorriu e abanou-se todo a dizer que sim.

- Oh sim! Estou muito contente. Já é magnífico quando nos dão um nome bonito. Mas quando inventam uma palavra nova só para nós, é muito mais especialíssimo! – Explicou Plutão muito entusiasmado. - Além disso 'plutóide' é uma classe muito mais fixe que planeta. E planetas há muitos.

- Ainda bem que estás contente! – Disse o menino mais aliviado. – Estava preocupado.

Plutão piscou o olho e continuou com a sua voz serena.

- Não precisas de te preocupar. Se pensares bem, nada mudou. Eu sou exactamente igual. Gosto deste cantinho do universo, mesmo frio e escuro. Penso que tenho tamanho, peso e massa em quantidades ideais. De vez em quando fico todo coberto de gelo e nessas alturas tenho muita pinta. Adoro os meus amigos. De longe a longe o Neptuno vem visitar-me para falarmos um bocadito sobre as magias do espaço.

– Eu também gosto muito de ti. – Confessou o menino. - Assim como és. – Acrescentou.

- Obrigado! – Respondeu Plutão um bocadinho corado. – Agora diz-me cá: o que raio é uma televisão?

O menino sorriu, sentiu-se muito importante por estar a ensinar coisas a um astro antigo e sábio, da idade do próprio tempo. Explicou tudo muito bem, com gestos e tudo, e respondeu a uma montanha de perguntas interessantes.

O menino esteve muito tempo à conversa com Plutão e os seus amigos. Depois despediu-se, prometeu fazer nova visita em breve e regressou ao planeta Terra.

O pai ainda estava a acabar de lanchar e o menino aproveitou para comer mais um pedaço de maçã e um bocadito de queijo, enquanto os dois acabavam de ouvir as notícias na televisão. Quando acabaram o pai perguntou:

- O que achas disto, filhote? Bestial não é? Uma nova classe de planetas!

- Sim, papá. Gosto especialmente da palavra 'plutóide'... É muito engraçada. - Respondeu o menino. – Mas o Plutão de ontem é igual ao de hoje não é? No fundo não mudou nada, pois não?

- Pois não, filho! Tens razão. – Disse o pai. – Não era maravilhoso se pudéssemos viajar no espaço e visitar os planetas? – Perguntou ao mesmo tempo que pegava no filho ao colo para o pôr no chão.

- Sim, papá. Era maravilhoso! – Disse o menino enquanto respondia ao abraço do pai. – Era mesmo muito mais especialíssimo!